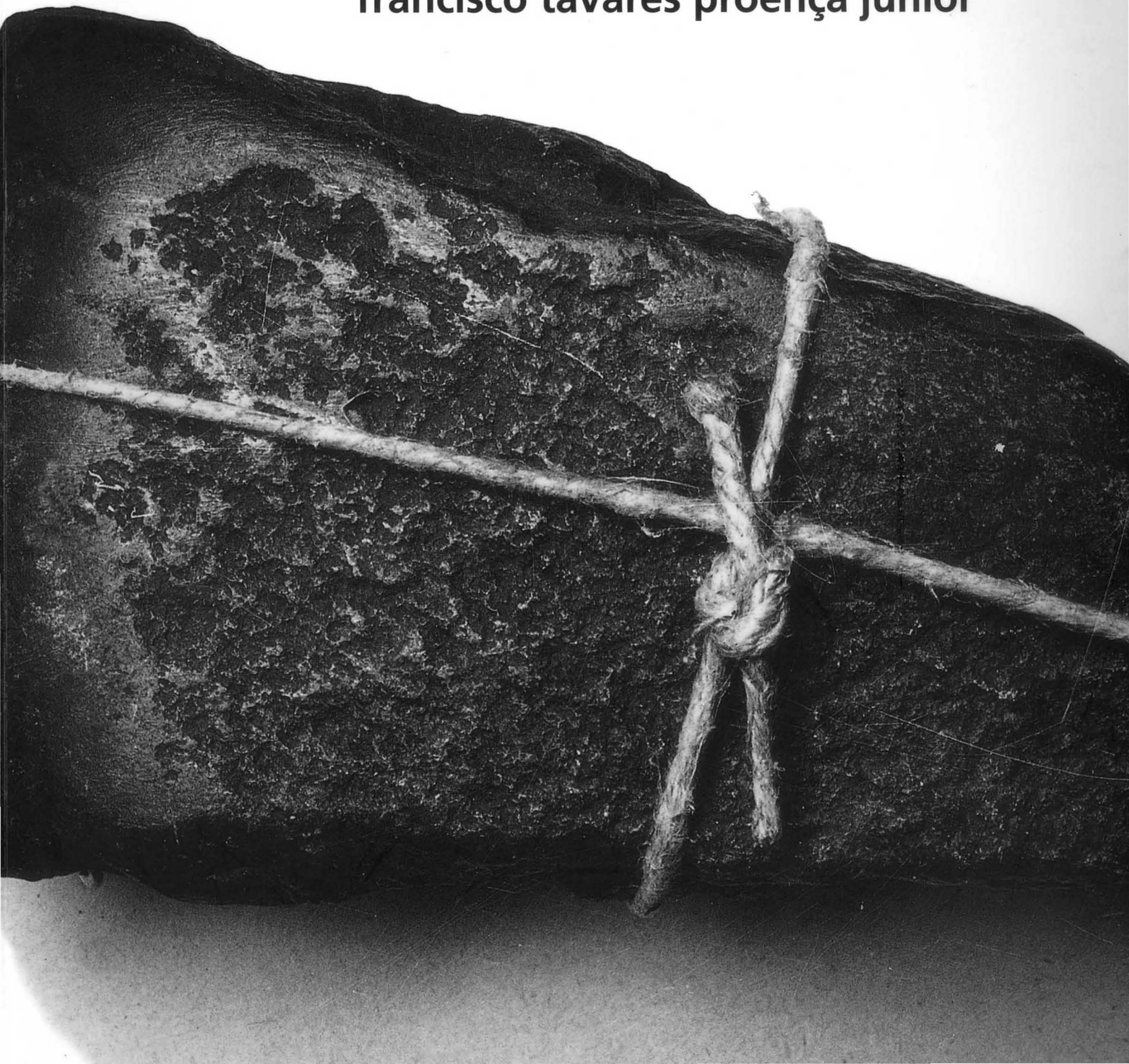


**arqueologia:
coleções de
francisco tavares proença júnior**



Título

Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior

Comissariado e Coordenação Científica

**Museu de Francisco Tavares Proença Júnior
Ana Margarida Ferreira**

Coordenação Editorial

**Museu de Francisco Tavares Proença Júnior
Ana Margarida Ferreira**

Com a colaboração de

Maria Eduarda Rodrigues

(Catalogação dos manuscritos e organização das listas de referências bibliográficas)

Instituto Português de Museus / Divisão de Divulgação e Formação

Maria Amélia Fernandes

Investigação e Textos

Sónia Abreu, Jorge de Alarcão, Ida Buraca, João Carlos Caninas, João Luís Cardoso, Virgílio Hipólito Correia, José Cristóvão, Patrícia Dias (fichas não assinadas), **Carlos Fabião, Luísa Fernandinho, Mário Varela Gomes, Amílcar Guerra, Francisco Henriques, Jorge de Oliveira, Luís Raposo, Ana Maria Silva, Ana Catarina de Sousa, Raquel Vilaça**

Fotografia

Instituto Português de Museus / Divisão de Documentação Fotográfica

Coordenação:

Vitória Mesquita e José Pessoa

Fotógrafo:

José Pessoa assistido por José António Moreira (p. 141 a 241)

Arquivo Particular do Dr. António Abrunhosa

Fotógrafo:

Francisco Tavares Proença Júnior (capa; pp. 4/5, p. 21, p. 30, p. 33, p.37 (fig. 1), p. 51, pp. 56/57, p. 67, p. 87, p. 136, p. 261, pp. 262/263; fotobiografia: figuras – 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 24, 25, 26, 27 e 28), fotógrafo não identificado (fotobiografia: figuras – 6, 10, 19 e 29)

Desenho de peças arqueológicas

José Luís Madeira (p. 59, fig. 5), **Maria Fernanda de Sousa** (p. 104 a 110), **Ana Neves** (fig.18, p. 111), **Marco Andrade** (fig.19, p. 111)

Design Gráfico

Vera Velez

Pré-impressão

Jacinto Guimarães

Impressão e acabamento

Coelho Dias, SA

Edição

© Instituto Português de Museus

1.ª edição, Dezembro de 2004

Tiragem 1000 ex.

ISBN 972-776-257-3

Depósito legal 219246/04

Museologia

Ana Margarida Ferreira

Coordenação

**Museu de Francisco Tavares Proença Júnior
Ana Margarida Ferreira**

Instituto Português de Museus / Divisão de Projectos e Obras

Maria Manuela Fernandes, João Herdade

Produção

Cláudia de Noronha Barata

Com a colaboração de

Sónia Abreu, Patrícia Dias

Investigação

Jorge de Alarcão, Ida Buraca, João Carlos Caninas, João Luís Cardoso, Virgílio Correia, José Cristóvão, Patrícia Dias, Carlos Fabião, Mário Varela Gomes, Amílcar Guerra, Francisco Henriques, Jorge de Oliveira, Luís Raposo, Ana Maria Silva, Ana Catarina de Sousa, Raquel Vilaça

Projecto de Arquitectura e Equipamento

Bak Gordon Arquitectos

Projecto de Electricidade e Segurança

António Trindade, Serviços de Engenharia Electrotécnica e Electrónica, Lda.

Design Gráfico

Vera Velez

Impressão

TRJ PRINT

Conservação e restauro

**Museu de Francisco Tavares Proença Júnior
José Barata, Júlia Bispo, Patrícia Dias, Manuela Serra**

Museu Nacional de Machado de Castro

Telma Teixeira

Francisco Pato de Oliveira

Laboratório do Museu Monográfico de Conimbriga (n.º 252 e 253)

Execução da obra

Sociedade de Construções José Moreira, Lda.

Execução do Equipamento

Nautilus Indústria e Comércio de Mobiliário, Lda.

Iluminação

Astratec – Electricidade e Iluminação Técnica, Lda.

Montagem da exposição

Museu de Francisco Tavares Proença Júnior – Sónia Abreu, José da Conceição Antunes, António Veríssimo Bispo, Patrícia Dias, Adelino Pereira Marques

Nautilus – Jorge Silva, Manuel Fernando Soares, Joaquim Vieira

Bak Gordon Arquitectos – Ricardo Bak Gordon, Nuno Matos

Astratec – Maria João Correia

Audiovisual

Olga Ramos

Programação de actividades

**Museu de Francisco Tavares Proença Júnior / Serviço Educativo
Celeste Ribeiro**

Divulgação

Cristina Ribeiro

Contributos para o conhecimento do megalitismo funerário do Sul da Beira Interior

João Luís Cardoso



et.º 1.



et.º 2.



et.º 3.



et.º 4.



et.º 5.



et.º 6.

Agregado em Pré-História
Professor da Universidade Aberta
Da Associação de Estudos do Alto Tejo

O sul da Beira Interior, na região do Tejo Internacional permanecia, até época recente, quase desconhecido no que respeitava à riqueza do seu património arqueológico megalítico. De facto, as explorações pioneiras efectuadas por Francisco Tavares de Proença Júnior na anta da Urqueira, Vila Velha de Ródão, bem como em outros monumentos megalíticos dos quais viria apenas a noticiar a existência (PROENÇA JÚNIOR, 1910), não tiveram o seguimento que mereciam. Félix Alves só pontualmente se interessou pelo assunto: devemos-lhe a exploração da Anta Grande de Medelim, que publicou em 1933 (PEREIRA, 1933). Georg e Vera Leisner, no inventário a que procederam das antas portuguesas (LEISNER e LEISNER, 1956), assinalam apenas três, e de forma imprecisa, a Oeste de Rosmaninhal e uma outra, perto da extinta povoação de Alares, panorama que não se alterou em publicação póstuma de Vera Leisner recentemente vinda a lume (LEISNER, 1998).

Na segunda metade do século, apenas foram feitas, com efeito, as explorações de mais três monumentos, por O. da Veiga Ferreira e D. Fernando de Almeida, com destaque para a escavação da importante anta da Granja de S. Pedro, Idanha-a-Velha (ALMEIDA e FERREIRA, 1958, 1959, 1971).

Não obstante, era provável que existisse um grande número de monumentos dolménicos na região, ainda por identificar, em conformidade com as cerca de 90 antas inventariadas pelos Leisner na região vizinha de Proença-a-Nova (KALB, 1990). Com efeito, não havia razão para que tal situação deixasse de se verificar mais a oriente.

Os trabalhos sistemáticos de prospecção, conduzidos no terreno pela Associação de Estudos do Alto Alentejo desde a década de 1970 até à actualidade, vieram confirmar plenamente tal pressuposto: numa área limitada naturalmente a Sul pelo Tejo Internacional, a Este pelo Erges e a Oeste pelo Aravil, reconheceram-se, até ao presente, cerca de noventa dólmenes, que permaneciam totalmente inéditos, dos quais cerca de sessenta e cinco na região do Rosmaninhal e vinte e cinco na região de Malpica do Tejo/Monforte da Beira, a larga maioria em bom estado de conservação. Tal facto ficou a dever-se, em parte, à baixa densidade populacional da região, bem como à utilização do solo. Com efeito, domina o montado de azinheiras, muitas vezes centenárias; as práticas de uma cerealicultura extensiva de trigo, que foi importante até inícios da década de 1960, porém ainda realizada por métodos tradicionais não mecanizados, explicam, também, a boa conservação dos monumentos.

A fase de cartografia arqueológica sistemática da região – que ainda decorre, por rara ser a saída de campo de que não resulta a localização de novos monumentos – impunha ser continuada por escavações arqueológicas, perspectivadas a médio/longo prazo, que permitissem o cabal conhecimento dos monumentos de maior relevância, a par de outras acções, que viabilizassem a caracterização da componente habitacional destas comunidades. Nesta contribuição far-se-á apenas referência à componente funerária – de momento a melhor conhecida; não será abordado o património megalítico não funerário, que integra diversos menires e cromeleques reconhecidos na região, nem a componente artística, representada por diversos painéis rupestres insculturados, muitas vezes existentes na proximidade dos monumentos megalíticos, os quais fazem evidentemente parte de uma realidade una e indivisível, que merecerá, no futuro, tratamento integrado, através de publicação monográfica em preparação.

Os trabalhos de prospecção arqueológica e de escavação têm sido desenvolvidos sob a égide da Associação de Estudos do Alto Tejo/Núcleo Regional de Investigação Arqueológica e têm contado com apoios logísticos e financeiros de diversas entidades: IPPAR, IPA, IPAMB, IPJ, C. M. Castelo Branco e C. M. Idanha-a-Nova. Um especial agradecimento é devido ao Eng. João Carlos Pires Caninas e ao Dr. Francisco Henriques, companheiros mais próximos nestas lides arqueológicas, sem os quais os resultados ora apresentados não teriam sido possíveis, extensíveis a uma vasta equipa de colaboradores e de estudantes universitários que têm activamente participado, desde 1993, nas diversas escavações arqueológicas que tenho dirigido, em condições que nunca foram fáceis nem cómodas.

Aspectos geo-ambientais. Implantação dos monumentos

A área de distribuição da notável mancha megalítica que a pouco e pouco tem vindo a ser definida corresponde, do ponto de vista geológico, a um substrato constituído por afloramentos de xistos e de grauvaques de idade ante-Ordovícica, integrados na Formação do Rosmaninhal, de características turbidítico-conglomeráticas (OLIVEIRA, 1992). Tais rochas encontram-se, por seu turno, recobertas por depósitos detríticos, essencialmente areno-arcósicos, grosseiros, de coloração mais ou menos avermelhada, consoante o grau de oxidação que apresentam, conservados no topo das plataformas retalhadas pela erosão; a sua idade foi fixada no Eocénico ou no Oligocénico (OLIVEIRA, 1992). Por último, observam-se, sobretudo nas encostas e zonas baixas adjacentes, depósitos de cobertura, constituídos por vastos mantos de cascalheiras de quartzo e de quartzito, resultantes do desmantelamento dos relevos paleozóicos, cuja idade se situa na transição do Pliocénico para o Quaternário: são as rañas, características de clima semi-árido, formadas por fortes descargas torrenciais, que em tal época atingiam periodicamente a região.

Os monumentos dolménicos distribuem-se segundo dois padrões principais:

– Nuns casos, concentram-se no topo das plataformas que constituem os grandes eixos de compartimentação da paisagem, de onde se dominam

vastas áreas, de dezenas de quilómetros em redor, constituindo verdadeiras necrópoles megalíticas. Alguns dos monumentos de duas dessas plataformas foram até ao presente explorados: trata-se da plataforma do Couto da Espanhola, com altitudes de cerca de 300 m e orientação geral de NE-SW, onde foram cartografados sete dólmenes, dos quais se exploraram dois; e da plataforma do Amieiro, com altitudes um pouco superiores, de 360-370 m e idêntica orientação, onde se reconheceram nove estruturas dolméticas, das quais se exploraram seis (CARDOSO, CANINAS e HENRIQUES, 2003). Nalguns casos, a distância entre monumentos é inferior a 100 m, sendo estes intervisíveis, constituindo núcleos funerários dentro das necrópoles mais vastas que integram; mas, em geral, a distância é superior, da ordem dos 200 a 250 m, ainda que de um qualquer destes locais se possa quase sempre reconhecer o que se encontra mais próximo;

– Noutros casos, ocorrem mais ou menos isoladamente na paisagem, confundindo-se aparentemente com ela – é exemplo o dólmen do Poço do Chibo, implantado em zona baixa, de penéplanície de relevo uniforme e monótono.

Aspectos arquitectónicos mais relevantes; rituais funerários

Os resultados obtidos das escavações que desde 1993 anualmente vêm sendo efectuadas na região megalítica do Rosmaninhal e no concernente à componente funerária desse património, podem ser apresentados sumariamente do seguinte modo através das seguintes observações, válidas para a globalidade dos monumentos até ao presente escavados:

- 1** O espaço povoado seria pontuado, de forma muito evidente, por sepulturas megalíticas. Tal evidência era reforçada pelo revestimento das mamôas, sem excepção, por blocos de quartzo leitoso, característica, aliás, que muito facilita a sua actual identificação no terreno. Na maioria dos casos, não se tratava apenas de um simples revestimento: a couraça de blocos quartzosos, engrenados uns nos outros, prolongava-se em profundidade, conferindo aos montículos o estatuto de verdadeiros «cairns». Havia, pois, a nítida intenção de conferir visibilidade a todos estes sepulcros, ao contrário de os pretender dissimular; mesmo monumentos que se implantam em zonas baixas, como a anta do Poço do Chibo, onde nada faria supôr que existissem, apresentam a mamôa assim revestida.
- 2** A presença de um número relativamente elevado de antas nas duas plataformas até ao presente estudadas com mais detalhe configura a preferência que lhes foi dada, como verdadeiras necrópoles, ao longo de muitas centenas de anos. Com efeito, a construção de antas seria um acto excepcional no quotidiano das comunidades agro-pastoris aqui implantadas no decurso dos IV e III milénios a. C. Se, actualmente, o seu número parece eventualmente excessivo, é porque frequentemente se menospreza o factor tempo, e a numerosa população aqui potencialmente instalada, no decurso de centenas de anos. Tal é a conclusão a retirar das diferenças arquitectónicas e artefactuais observadas em monumentos por vezes distanciados de escassas centenas de metros, como é o caso das antas 6 e 2 do Couto da Espanhola, ambas já integralmente exploradas. Não se observam, por outro lado, monumentos dominantes: os diâmetros das mamôas, sempre de pequenas dimensões, variam entre um máximo de 18,0 m – anta 5 do Amieiro – e os 10 m – anta do Poço do Chibo; a construção de um qualquer monumento suceder-se-ia paulatinamente à de outro, pontuando-se assim a paisagem como se de um palimpsesto se tratasse.
- 3** Independentemente da respectiva tipologia, trata-se de estruturas que integram, invariavelmente, elementos construtivos de origem local ou, no máximo, disponíveis a escassas centenas de metros: os esteios de xisto ou de grauaque são, porém, sempre de pequenas dimensões, raramente ultrapassando 1,0 m de comprimento. Com tais dimensões, não era possível construir dólmenes de grande altura, como os existentes nas regiões graníticas da Beira Alta e do Alto Alentejo. Tal facto explica, pois, a pequena altura não só das câmaras, mas sobretudo dos corredores destes monumentos os quais teriam, na maioria dos casos, uma função apenas ritual; o rastejamento através destes longos e estreitos espaços, por vezes com mais de 8,0 m de comprimento, como é o caso do corredor da anta 2 do Couto da Espanhola, sempre que se pretendia efectuar nova tumulação na câmara, ainda para mais com a dificuldade acrescida de ter de transportar ao longo dele os corpos a sepultar, seria tarefa de todo impraticável. Para o efeito, aceder-se-ia directamente às câmaras dos dólmenes, através da remoção parcial da respectiva cobertura, sempre que se pretendesse efectuar nova tumulação. Esta operação encontrava-se muito facilitada pela ausência de grandes lajes de cobertura – das quais não se encontraram quaisquer vestígios – pelas razões já expostas. A cobertura das câmaras destes monumentos seria, deste modo, assegurada com madeiramentos e ramagens, sobre os quais se assentariam os blocos da mamôa, fáceis de remover. O que foi dito não invalida, porém, que nalguns casos, o corredor não fosse funcional. Na anta 5 do Amieiro, reconheceu-se a presença de duas grandes lajes imbricadas, que o selavam, separando-o do exterior do monumento, onde se reconheceu pequeno átrio de entrada, delimitado lateralmente por ortóstatos de altura cada vez menor.
- 4** A orientação de quatro dos cinco sepulcros com corredor escavados varia entre Este e Es-sudeste; exceptua-se a anta 2 do Couto da Espanhola, orientada para Sudeste (135°). Este padrão coincide em absoluto com o observado pelos Leisner para as antas de Reguengos de Monsaraz, cujos resultados foram inventariados por V. Gonçalves (GONÇALVES, 1992: 40). Das 69 antas registadas, 35 tinham exactamente a mesma orientação, logo seguida das antas orientadas para Sudeste (10 casos). A preferência da orientação

dos corredores por este quadrante relaciona-se com os azimutes do nascer do sol, de onde vem a Luz e a Vida, diariamente reafirmada. Citando V. Gonçalves (GONÇALVES, 1992: 51): «A morte e o nascimento, as Trevas e a Luz. Será com estes opostos que a orientação das antas do concelho de Reguengos de Monsaraz, como a de muitas centenas de outras antas tem a ver? Uma esperança de retorno ou o simples virar de costas à Vida/Luz, na inevitável viagem para a Morte e para as Trevas?»

- 5 Duas lajes de xisto, uma reconhecida na câmara da anta 2 do Couto da Espanhola, outra no corredor da anta 3 do Amieiro funcionariam como leitos sobre os quais se teriam depositado os cadáveres, provavelmente em decúbito lateral com braços e pernas flectidas. Tal possibilidade, com paralelos noutros monumentos congêneres do nosso território, encontra-se reforçada, no caso da primeira anta, pela grande concentração de despojos que se recolheram sobre a laje referida.
- 6 Identificaram-se rituais de fogo na anta 3 do Amieiro. Trata-se de um pequeno empedrado de contorno elíptico, construído junto ao fundo da câmara do monumento, funcionando como embasamento de lareira. Já Santos Rocha, ao estudar monumentos dolmênicos da região da Figueira da Foz notou a prática do fogo no seu interior e outros exemplos se poderiam apontar. Com efeito, o fogo desempenharia um duplo papel: além de elemento simbólico purificador e regenerador das almas dos defuntos teria uma função muito mais prática, eliminando os ares pestilentos necessariamente existentes no espaço não arejado do interior de um sepulcro colectivo, acção indispensável sempre que houvesse necessidade de proceder a nova deposição, eventualmente com a ajuda da queima de plantas aromáticas. Esta lareira poderia, enfim, relacionar-se com rituais de cremação parcial dos cadáveres, como foi observado em monumento megalítico da Serra de S. Mamede, Portalegre, por Jorge Oliveira (OLIVEIRA, 1997). Porém, apesar do bom estado de conservação e da grandeza deste monumento – um dos maiores da região – o espólio correspondente aos seus construtores e eventuais primeiros utilizadores é nulo, o que não se poderá reportar a profanações, das quais não se recolheram quaisquer provas. O monumento jamais terá sido utilizado – apenas no fim do Calcolítico/Idade do Bronze há provas de aproveitamento da câmara – ou os materiais depositados no seu interior eram todos de carácter perecível - de madeira, couro ou esparto – cuja importância na época era evidente, como os escassos casos em que se conservaram – tornados por isso célebres – bem comprovam.
- 7 Reconheceu-se pequena estela colocada verticalmente no interior da pequena câmara da anta 8 do Amieiro. Esta descoberta tem paralelo em monumentos congêneres da região de Valência de Alcântara, estudados por P. Bueno e colaboradores.
- 8 No estado actual dos conhecimentos, o faseamento do megalitismo regional evoluiu das câmaras simples para os dólmenes de corredor e câmara poligonal, embora estes possam ter coexistido com os primeiros, como é o caso da anta 8 do Amieiro.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ALMEIDA, F. de ; FERREIRA, O. da V. (1958) – Duas sepulturas megalíticas dos arredores de Idanha-a-Velha. *Revista de Guimarães*. Guimarães. LXVIII: 317-322.

ALMEIDA, F. de ; FERREIRA, O. da V. (1959) – Sepulturas megalíticas dos arredores de Idanha-a-Velha. In Congresso Nacional de Arqueologia, 1, Lisboa, 1958 – *Actas e memórias*. Lisboa. Vol. 1, p. 225-230.

ALMEIDA, F. de ; FERREIRA, O. da V. (1971) – Um monumento pré-histórico na Granja de S. Pedro (Idanha-a-Velha). In Congresso Nacional de Arqueologia, 2, Coimbra, 1970 – *Actas*. Coimbra. Vol. 1, p. 163-168.

BUENO RAMIREZ, P. (2000) – El espacio de la muerte en los grupos neolíticos y calcolíticos de la Extremadura española : las arquitecturas megalíticas. *Extremadura Arqueológica*. Mérida. 8: 35-80.

CARDOSO, J. L. (2001) – Contributos recentes para o conhecimento da Pré-história recente do Sul da Beira Interior. *Discursos*. Lisboa. 3: 47-60.

CARDOSO, J. L. ; CANINAS, J. C. ; HENRIQUES, F. (1995) – A anta 6 do Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova). *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 3: 19-37.

CARDOSO, J. L. ; CANINAS, J. C. ; HENRIQUES, F. (1997 a) – A anta 2 do Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova). *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 5: 9-28.

CARDOSO, J. L. ; CANINAS, J. C. ; HENRIQUES, F. (1997 b) – Contributos para o conhecimento do megalitismo na Beira Interior (Portugal): a região do Tejo Internacional. In Congresso de Arqueologia Peninsular, 2, Zamora, 1996 – *Actas*. Zaragoza. Vol. 2, p. 207-215.

CARDOSO, J. L. ; CANINAS, J. C. ; HENRIQUES, F. (2000) – Arquitectura, espólio e rituais de dois monumentos megalíticos da Beira Interior : estudo comparado. In Colóquio Internacional sobre Megalitismo, 1, Monsaraz, 1996 – *Actas*. Lisboa. p. 195-214. (Trabalhos de Arqueologia ; 14).

CARDOSO, J. L. ; CANINAS, J. C. ; HENRIQUES, F. (2003) – Investigações recentes do megalitismo funerário na região do Tejo Internacional (Idanha-a-Nova). *O Archeologo Português*. Lisboa. Série 4(21): 151-207.

GONÇALVES, V. S. (1992) – *Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa : INIC. (Cadernos da UNIARQ ; 2).

KALB, P. (1990) – Megalithgräber zwischen Tejo und Douro. Berlin : Walter de Gruyter. p. 19-33. (Madrider forschungen ; 16).

LEISNER, G. ; LEISNER, V. (1956-1965) – *Die megalithgräber der Iberischen Halbinsel : der Westen*. Berlin : Walter de Gruyter. (Madrider forschungen).

LEISNER, V. (1998) – *Die megalithgräber der Iberischen Halbinsel : der Westen*. Berlin : Walter de Gruyter. (Madrider forschungen ; 1).

OLIVEIRA, J. M. F. de (1997) – *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do rio Sever*. Lisboa : Colibri. Vol. 1.

OLIVEIRA, J. T., coord. (1992) – *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000*. Lisboa.

PEREIRA, F. A. (1933) – A Pedra d'Anta ou um monumento megalítico da Beira Baixa. *O Archeologo Português*. Lisboa. XXIX: 49-73.

PROENÇA JÚNIOR, F. T. de (1910) – *Archeologia do districto de Castello Branco : 1ª contribuição para o seu estudo*. Leiria : Typographia Leiriense.